

Frei Luís de Granada Sermões para o povo português

Em português, por excepção

É em 1559 que, dos prelos de João Blávio de Agripina Colónia, um impressor de renome no Portugal de então, com aprovação de Frei Francisco Foreiro e à custa da rainha Dona Catarina, sai um belo volume em gótico, composto por um *Compendio de Doctrina Christã*¹ e *Treze Semões das tres Paschoas do Anno*², talvez redigido em português por Frei Luís de Granada, talvez por ele esboçado em espanhol embora cuidadosamente acompanhado numa hipotética versão a que estilisticamente não faltam marcas da sua habitual linguagem de escritor de reconhecidos méritos.

Na realidade, e sobretudo, creio, depois de um recente alvitre de Álvaro Huerga³, podem divergir as opiniões sobre a língua original dos textos; nota-se, por um lado, que Frei Luís, que vivia em Portugal há cerca de dez anos, nunca, nem antes, nem depois, escreveu em português, lembra-se, por outro, a ausência de referências, mesmo por parte dos primeiros tradutores espanhóis, e ligeiramente

¹ *Compendio de doctrina Christã recopilado de diuersos autores que desta materia escreverão, pelo R.P.F. Luys de Granada. Provincial da ordem de S. Domingos. Acrescentarão se ao cabo treze Ser-mões das principaes festas do anno: pelo mesmo Autor (...), Lisboa, (...) Ioannes Blauio de Agripina Colonia, Impressor del Rey nosso senhor. (...)1559.*

² *Seguemse treze sermões das três paschoas do anno e das principaes festas de Christo, nosso Salvador e de nossa Senhora. Pelo R.P.F. Luys de Granada, Provincial da Ordem de S. Domingos da prouincia de Portugal. (...) 1559.*

³ Álvaro HUERGA, *Fray Luis de Granada. Una vida al servicio de la Iglesia*, Madrid, 1988, 133. É, aliás, justo lembrar que Frei Álvaro Huerga tem sido, nas últimas décadas, o maior estudioso de Luis de Granada, com muitos trabalhos publicados e a preparação de uma edição de *Obras Completas* de mais de quarenta volumes, incluindo originais e traduções ao espanhol de textos latinos ou portugueses. Não posso, no entanto, deixar de recordar que, há décadas atrás, me colocava a Professora Maria de Lourdes Belchior a mesma questão da língua original.

adiante deles se dará conta, a uma provável parceria linguística, chegando até a obra a figurar num catálogo de grandes clássicos nacionais⁴.

Apesar de reunidos num só volume, os textos têm evidente autonomia: o *Compendio* ficou estampado a 25 de Abril e apresenta no frontispício uma justaposição dos escudos de Espanha e de Portugal, os *Sermões* a 20 de Maio e a sua página de rosto reproduz pequenas gravuras dos doze apóstolos; o primeiro é uma recompilação de diversos autores, cujos nomes, aliás, poucas vezes são citados, se exceptuarmos os escritores bíblicos e os doutores da Igreja⁵, o segundo é um conjunto de textos originais (apenas com curtas remissões para *autoridades*), de sabor mais popular e objectivos mais circunscritos que, em meu entender, nunca o autor alguma vez pregou⁶.

Aproxima-os, no entanto, o facto de terem sido redigidos como material para ser lido em substituição de homilias originais⁷ e, como tal, facilmente divisível em parcelas cuja leitura pausada e reflectida não duraria mais de meia hora.⁸

⁴ Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal*, Madrid, 1988, 799 e 837. A informação foi recolhida em [A. J. Costa MACEDO], *Catálogo dos Livros que se hão de ler para a continuação do Dicionário de Língua Portuguesa*.

⁵ Frei Luis teria razões para calar alguns nomes numa época de tão alargada controvérsia espiritual; hoje sabe-se que boa parte das sugestões lhe vieram de Jacop Schöpffer, através de uma adaptação de Frei Juan de la Cruz, a que adiante faremos referência, e de Constantino Ponce de la Fuente, um suspeito de heterodoxia por aquele então. Ver HUERGA, *Fray Luis de Granada*, 131.

⁶ Sabe-se que Granada pregou muito, e a contento das gentes, em Portugal, mas as informações concretas não são muitas; no entanto, HUERGA refere algumas ocasiões fundamentais, como as ligadas à entrada dos jesuítas em Évora, à chegada de Felipe II a Portugal e aquando da descoberta do embuste da tristemente célebre monja de Lisboa.

⁷ Sempre Granada se preocupou com a formação e o aumento de número dos pregadores, especialmente por ser, dum modo geral, inculto o povo da província. A leitura destas parcelas doutrinárias deveria ser feita pela próprio cura, como se sugere na primeira advertência ao leitor, após a divulgação do evangelho, o que parece indicar-nos que, neste caso, a falta, que se pretendia colmatar, não era tanto de sacerdotes como de sacerdotes capazes de bem pregar. Importa também não esquecer que Frei Luis viria a ser autor de uma *Ecclesiastica rhetoricae sive de ratione concionandi libri sex*, de quatro tomos de *Concionum de tempore* e de dois tomos de *Concionum (...) sanctorum*, obras publicadas em latim, entre 1575 e 1580, mas das quais existem traduções espanholas. A *Rhetorica* tem merecido alguns interessantes estudos recentes, como os de Félix HERRERO SALGADO, «*La Rhetorica Ecclesiastica de Fray Luis de Granada y las retóricas cristianas del Siglo de Oro*», *Fray Luis de Granada, su obra, su tiempo*, Granada, Universidad de Granada, 1993 (o volume corresponde às comunicações feitas a quando do Congresso de 1988) e de Manuel LÓPEZ MUNÓZ, *Fray Luis de Granada y la Retórica*, Almería, 2000.

⁸ A leitura, que hoje podemos fazer, não confirma esta regularidade no tempo; alguns dos sermões são claramente mais extensos do que outros, embora o autor diga textualmente que «assi os capítulos do livro como também os sermões por a maior parte vão de uma mesma medida: porque se teve respeito a nam fazer mais comprida a escritura, do que se podesse ler em espaço de meia hora (...) mas ha-se de ter aviso, que o que isto ler, nam o lea muito de pressa, e atavalhoadamente, senam

Não teve, por certo, o volume em causa a mesma difusão de outros escritos de Frei Luís, o que não significa total desconhecimento do seu interesse; sabemos, por exemplo, que Frei Bartolomeu dos Mártires o recomendava⁹, existem, desta primeira edição, numerosos exemplares em bibliotecas portuguesas¹⁰ e, talvez, em algumas espanholas e, em Espanha, poucos anos depois (1568) veio a lume, em Alcalá, nova edição por Andrés de Angulo¹¹.

As atrás apenas mencionadas traduções ao castelhano chegariam em 1595, uma da autoria de Enrique de Almeida (Madrid, viuda de Pedro Madrigal) e outra da responsabilidade de Juan de Montoya (Granada, Sebastian de Mena).

Quando, no tomo XIII da sua edição¹², Justo Cuervo comentou estas versões, em parte para se justificar de empreender uma terceira, embora de ntro da mesma lógica de que seria pena que, em Espanha, só a gente culta pudesse saborear tão belas páginas¹³, distinguiu-as qualitativamente Em seu entender, apesar de o texto de Enrique de Almeida ter conhecido mais fortuna, ele é nitidamente inferior ao de Montoya¹⁴, sendo que mesmo este não é inteiramente fiável.

Pelo que aos *Sermões* respeita, num rapidíssimo confronto feito na Biblioteca Nacional de Espanha, verifiquei, de imediato, algumas diferenças na apresentação do tema, como, por exemplo, a preferência por curtas frases em latim retiradas dos largos passos evangélicos, em Montoya, e a versão espanhola da totalidade dos excertos seleccionados por Frei Luís, em Almeida, e a leitura apressada de um ou outro sermão pareceu confirmar o parecer de Cuervo, aliás, implicitamente, adoptado por Álvaro Huerga, na sua recente edição bilingue, com intervenção no texto português de José Luís de Almeida Monteiro¹⁵ e aproveitamento da tradução de Justo Cuervo.

de vagar e distintamente (...).» Faça as citações por Fray Luis de GRANADA. *Obras Completas*, edición y nota crítica de Álvaro HUERGA, Madrid, tomos XX e XXI, 1998-1999, corrigindo, no essencial, a má transcrição e a deficiente modernização do texto em português (procuro não alterar a fonética inicial nem a pontuação, mas actualizo a ortografia). O passo citado encontra-se em XX, 14.

⁹ Álvaro HUERGA, *Fray Luis de Granada*, ed. cit., 133.

¹⁰ M. Idalina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada*, ed. cit., 12. Encontram-se exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, no Museu-Biblioteca de Vila Viçosa, na Biblioteca Municipal de Ponta Delgada e na Biblioteca Municipal do Porto, pelo menos.

¹¹ A informação é de HUERGA, *Fray Luis*, 130. Infelizmente até agora não consegui localizar a edição. A verdade, porém, é que o referido impressor trabalhava em Alcalá por essa altura.

¹² *Obras de Fray Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo*. Edición crítica y completa por Fray Justo Cuervo de la misma Orden, Doctor en Filosofía y Letras, Lector de Teología. Madrid, Imprenta de la Viuda e Hija de Gómez de Fuentenebro, 1906.

¹³ Prólogo ao *Compendio*, VII.

¹⁴ Prólogo ao *Compendio*, VIII.

¹⁵ Na edição de CUERVO, apenas se apresentavam os textos em espanhol.

No entanto, e retomando a questão levantada da língua original, não deixa de ser curioso referir que, na introdução *Del Traductor para el Lector*, Enrique de Almeida declara ter solicitado, juntamente com outros interessados, a Granada, que fosse ele próprio a encarregar-se da versão, ao que o nosso dominicano se não teria negado, simplesmente lhe faltou o tempo para satisfazer o pedido.

Curioso mas não de todo significativo, porque sempre, de um escrito em português, se poderia ambicionar uma passagem ao espanhol da pena de Frei Luís.

Juan de Montoya, por seu turno, limita-se a elogiar o autor e a obra, na dedicatória a *Don Pedro de Castro y Quiñones, Arçopispo de Granada*, remetendo o primeiro escrito para um conjunto de livros de *Doutrina Cristã*, entre os quais não esquece o de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

Quanto ao número exacto dos *Sermões*, julgo não haver motivo para o corrigir para catorze¹⁶. É certo que existe uma edição tardia de *Catorce Sermones escritos en Castellano por el V.P.M. Fray Luis de Granada*¹⁷, mas a verdade é que aos textos traduzidos (*ingenuamente* diz o editor que o *Compendio* «aunque escrito en portugués se publicó casi al mismo tiempo en español»)¹⁸ se reuniu o das *Caídas Públicas*, esse sim, originariamente em língua espanhola, quando da descoberta do conhecido embuste da freira da Anunciada e da falsidade dos seus milagres.

Treze, pois, são os *Sermões* de que nos ocupamos.

Regressando, porém, ao conjunto das duas obras, e passado o século XVI, foi então preciso esperar largas décadas para que elas voltassem a interessar os editores¹⁹.

Na segunda metade do século XVIII, em Lisboa, na Real Oficina Tipográfica, dar-se-ia à estampa o *Compendio*, em 1780, e nove anos mais tarde a Real Oficina

¹⁶ Em Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 482, Huerga coloca a questão do número por existirem edições de *Catorce Sermones*, a verdade, porém, é que na edição de 1870, por ele citada, o décimo quarto sermão nada tem a ver com este grupo, sendo muito posterior e escrito em castelhano. Acrescenta-se também que Frei Luis aconselha a que «na festa do nascimento de nossa Senhora se pode ler o sermão que está abaixo na festa da Concepçam» (Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 418-419). Teríamos assim os catorze? Seria sempre uma contagem artificial.

¹⁷ A edição referida é de Madrid, Oficina Tipográfica del Hospicio, 1870. O editor parece julgar os *Sermões* posteriores a 1572, o que é evidentemente errado. Aos *Sermões* acrescentam-se, nesta edição, excertos de outras obras.

¹⁸ *Catorce Sermones*, XIV.

¹⁹ Outros interesses se sobrepueraram, talvez, em Portugal; no entanto, em Espanha, particularmente, as restantes obras de Granada conheceram inúmeras edições. Estão recensadas em Fr. Maximino LLANEZA, *Bibliografía del V.P.M. Fr. Luis de Granada de la Orden de Predicadores*, Salamanca, Establecimiento Tipográfico de Calatrava, 1926-1928.

da Universidade de Coimbra reuniria de novo os dois textos, antecipando-se a nova edição espanhola preparada por Benito Cano em 1792²⁰.

Hoje, e mais completa e acessível do que a edição de Justo Cuervo, temos ao dispor a já referida edição bilingue de Álvaro Hurga.

Treze Sermões festivos

Resultado das inquietações de um pregador que chegara a Portugal, depois de larga e justificada fama adquirida na Andaluzia (desde os anos 30 que se conheciam os frutos da sua palavra em Córdova, em Palma, em Ecija, em Gadalcázar e em Montilla, por exemplo), e na Extremadura (Badajoz pode ter sido um dos últimos locais), de um dominicano particularmente atento ao programa formativo da Companhia de Jesus²¹, de um sacerdote cujo título de *predicador general* conciliara com o de *Prior de Palma del Rio*, *Compendio* e *Sermões* são comoventes esforços para substituir a palavra oral, nas recuadas aldeias onde ela dificilmente chegava por escassez de religiosos competentes.

A anteceder a sua publicação, em apenas um ano, fizera Frei Luís a primeira tentativa nesse sentido, não com obra sua, mas com a promoção, acordada com o Cardeal D. Henrique, de uma versão/adaptação de um *catecismo* latino²² encomendada a Fray Juan de la Cruz²³.

Ouçamo-lo:

Hame dicho Vuestra Alteza muchas veces que porque en su iglesia y en todo este reino hay muchas aldeas y iglesias apartadas en los campos, don-

²⁰ Uma vez mais, a edição espanhola é indicada por HUERGA, *Fray Luis de Granada*, 130, mas também, a esta, não consegui ainda localizar em nenhuma biblioteca, apesar do que se sabe sobre os períodos de trabalho do impressor em causa. Quanto à edição portuguesa de 1789, importa que o leitor se não esqueça de consultar as *emendas* finais.

²¹ Das relações de Granada com a Companhia de Jesus se têm ocupado todos os seus biógrafos; pessoalmente, procedi a uma modesta revisão do assunto em «Frei Luis de Granada e a Companhia de Jesus: a convergência» (a publicar pela *Via Spiritus*, Porto).

²² Trata-se de *Institutiones christianae praecipuaeque doctrina summa*, obra publicada em Colónia, em 1555, por Jacop SCHÖPPER. Natural de Dortmund, Schöpffer faleceu naquela cidade em 1556. Deixou ainda algumas obras mais breves e vários sermões.

²³ Fray Juan de la Cruz, dominicano, era natural de Talavera e deve ter passado a Portugal em tempos de D. João III. A obra em questão intitula-se *Treynta y dos Sermones en los cuales se declaran los mandamientos de la ley* (...), Lisboa, Ioannes Blauio de Colonia, 1558. A matéria tem muitas afinidades com a do *Compendio* de Granada, embora seja outra a sua repartição: começa-se com os mandamentos e segue-se com o símbolo, com a justificação de que aqueles foram dados a conhecer primeiro (1v); Frei Luís regressará à ordem tradicional, começando por meditar sobre o símbolo. De Frei Juan, conhecem-se outras versões.

de no puede haber tanta copia de predicadores, que para remedio de esto sería bien escribir algun *Homiliario* de buena y llana doctrina, para que se pudiesse los domingos leer en lugar de sermón, y mientras esto no se hacía, que se debía leer algún breve catecismo (...) parecióme que podría aprovechar para el propósito este breve *catecismo*, que escribió un muy docto y católico varón; el cual yo hice trasladar en lengua castellana al reverendo padre fray Juan de la Cruz (que para esto tiene especial gracia) (...).²⁴

Assim escrevia Granada em 1558, simultaneamente lamentando a sua pouca «habilidad» e a falta de «tiempo»²⁵ para se encarregar ele próprio da urgente tarefa.

Afinal, parece que a habilidade não era problema e que o tempo apareceu por milagre; em 1559, repito, tínhamos o seu homiliário, embora não inteiramente original pelo que ao *Compendio* respeita, mas, muito provavelmente, todo da sua lavra nos enternecedores *Treze Sermões* que se lhe seguem.

Deles diria o autor:

E porque esta escriptura principalmente se ordena pera edificaçam e proveito da gente sem letras, nam se teve respeito a fazer sermões fundados, senam devotos e doctrinaes, quaes convinha que fossem pera este propósito. E assi nam todalas vezes levam temas, nem proseguem uma mesma matéria, senam vam apontadas algumas cousas spirituaes e devotas, em que possam ocupar seu pensamento aquele dia os cristãos fiéis.²⁶

E tal se verifica realmente.

O tema marca avultada presença na abertura de oito prédicas, dilui-se parafrasticamente em duas, sendo ainda numa delas convocados os *Actos dos Apóstolos* (*Ascençam e Pentecostes*), é muito concisamente enunciado noutras

²⁴ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, tomo XIX, 211.

²⁵ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, tomo XIX, 211.

²⁶ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, tomo XXI, [262]. Naturalmente, apesar das repetidas afirmações da incultura dos destinatários, tem de ter-se em conta que estes *Sermões* não são peças tão singelas como outras que se escreviam com a mesma intenção. Comparem-se, por exemplo, com as *Meditações e homilias sobre alguns mysterios da vida de nosso Redemptor* (...), Lisboa, Antonio Ribeyro, 1574, da autoria do cardeal D. Henrique, essas, de facto, estilisticamente muito simples, e acrescente-se, como informação, que Luis de Granada as prefaciou.

duas (*Assumpçam e Todolos Sanctos*) e, obviamente, está ausente de uma (*Concepçam*).²⁷

No entanto, e, como seria de esperar, os evangelhos seriam sempre uma âncora segura para a cadeia de considerações que, glosando-os, os desdobrava em curtas unidades semânticas, a requererem o aprofundamento e atenção dos ouvintes:

Os evangelistas ordinariamente nam escrevem mais que os mistérios, deixando todo o interior (que eram todos os afectos e sentimentos das pessoas) à devota inquiriçam dos que isto meditassem²⁸.

Retirando, de novo, a palavra a Frei Luis, não resisto a acrescentar que, independentemente de lhe agradar ou não a flexibilidade da estrutura, fácil se torna ao leitor aceitar que todos os textos se lêem ainda hoje com particular agrado e oportunidade.

Pela sua simplicidade? Talvez também, mas, quer-me parecer que nos não deixa indiferentes a mensagem de alegria cristã, de júbilo pela certeza de uma escolha, de satisfação pelos benefícios a acumular.

Comentando as principais festividades do ano (ordenadas pelo calendário civil, desde a *Circuncisam* ao *Nascimento*), seria inevitável falar de sofrimento (do Menino, de Nossa Senhora, dos cristãos em geral)²⁹, seria inevitável referenciar a cruz (note-se, no entanto, que não há sermões da Paixão), seria inevitável apelar ao sacrifícios.

Mas, se tudo isto é verdade, não é menos verdade que a lição guardada, o remate, muitas vezes até textual, que se retém, a envolvência de quanto é dito se pautam por uma satisfação vital que não tem paralelo, julgo, noutros escritos de Granada³⁰.

Depois nem sequer estamos obrigados a uma leitura global do conjunto de textos; será suficiente seguir o conselho do escritor aos devotos que iam à missa:

²⁷ Tenha-se em conta que a festa referida não tem suporte evangélico. No entanto, o sermão em causa tem sido considerado dos mais logrados. J. A. MARTÍNEZ PUCHE inclui longos excertos seus em *Marta en la Literatura y el Arte*, Madrid, 2004.

²⁸ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, tomo XXI, 306.

²⁹ Sobre a presença de Nossa Senhora nos *Sermões* me ocupei em «Representações da Virgem na obra portuguesa de Frei Luis de Granada», *Estudios Ibéricos. Da Cultura à Literatura. Séculos XIII a XVII*, Lisboa, 1987.

³⁰ Se procedesse a um análise estilística, à boa maneira de outros tempos, teria de acentuar-se a frequência de certos campos semânticos como o prazer espiritual, a felicidade, o contentamento e outros congêneres.

Deve d'acodir o cristão ao sermam que mais lhe descobre suas enfermidades, que melhores e mais certas mezinhas lhe põe, que mais o aparta do mal e mais o esforça pera o bem, que maior espanto lhe põe pera o um e maiores azas pera o outro.³¹

Só que isto que o leitor está autorizado a fazer, vedado fica ao estudioso, pelo que, e sempre tendo em conta que a sucessão de comentários acompanha, como é frequente noutros pregadores de todos os tempos, a correnteza das *notícias evangélicas*, nos vamos aproximar do conjunto dos *Treze* para, pelo menos, proceder a uma chamada de atenção para umas quantas (não todas) estratégias de persuasão, já que, o que é evidente, para o nosso dominicano, sendo embora importante o conhecimento, através da recapitulação de factos narrados, mais importante era agarrar o exemplo, a palavra actuante, a sugestão implícita e seguir em frente, no caminho da acção.

Argumentar vs comover

Se, muito sumária e talvez muito pouco eruditamente, restringirmos a duas as (múltiplas) faces da predicação, a argumentativa e a emotiva, teremos indubitavelmente de colocar Frei Luis entre os seguidores da segunda, sem que isto signifique que a argumentação desapareça por completo destes sermões.

Na realidade, ele escreve ou prega para gente cuja adesão racional está previamente garantida; gente que com ele comunga na aceitação dos mesmos valores, no respeito pelos mesmos esquemas hierárquicos. Pode preencher lacunas de entendimento, pode ajudar a fixar conexões entre a doutrina e a vida, pode aclarar a justeza de certas práticas cristãs, mas o que sobretudo o move é o condicionamento de hábitos de bem viver, de acordo com uma convicção de que eles mais seguramente se implementam pelo trabalho da vontade do que por apressadas opções de carácter intelectual.

É um ajustamento ao dia-a-dia na paz interior e na atenção ao próximo que abertamente está em causa, como bem explícito fica no «Epílogo» do *Compendio*:

Desta doutrina juntamente com a que se disse da guarda dos mandamentos e artigos da fé e do uso da oração, se colige que tal ha de ser a vida e trato do homem que quer ser premiado da mão de Deos, pera com todolos outros

³¹ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, [248].

homens. Colige-se quaes ham de ser suas práticas e suas conversações, seu hábito e todo o concerto de suas cousas³².

Assim sendo, é-nos possível, sem grande preocupação de alinhar pelo didactismo das Retóricas, sejam elas antigas ou modernas, traçar a seguinte grelha para nela enquadrar alguns dos mais significativos excertos destes *Sermões*:

- a persuasão ética
- a persuasão afectiva
- a persuasão pragmática

No primeiro caso, o da persuasão ética, encontramos-nos com a velha máxima de que o *Bem é amável*, ou, se preferirmos a linguagem da sabedoria popular, a de que amor com amor se paga.

Deus, o mundo celeste que ele traçou e o envolve, as criaturas que o seu olhar intencionalmente tocou, os enlaces, os gestos, as palavras que nenhuma impureza maculou, reclamariam, por si sós, silenciosamente, uma resposta amorosa do homem, numa tentativa de reconhecimento da valia de uma (sobre) natureza que sempre o transcenderá.

E, no entanto, há mais.

Há o projecto salvífico de Cristo, de Deus filho que estende as mãos a quem as quiser agarrar, cujas fases, vicissitudes e resultados Granada se propõe deslindar em termos de *conveniência*, de adequação a um objectivo que, a ser prosseguido de qualquer outra feição, sempre ficaria em risco de inacabamento.

O acerto dos passos de Jesus pela terra dos homens, a sua optimização no quadro de um plano de bondade para quebrar antigas amarras é, assim, mais um sinal inequívoco dessa divina bondade actuante que reclama gratidão e amorosa correspondência.

Cruzando esta via, a que chamei *ética*, com aquela que denominei de *afectiva*, direi que, para Frei Luís, a correspondência do homem, pelo caminho da emoção, pode ser serena, ainda que forte, recolhida ainda que dinâmica; mas que pode também ligar-se a um desdobrar de movimentos da sensibilidade e da imaginação que, por seu turno, se tornam motores de mais e mais empenhamento, de mais e mais esforço na disponibilidade para cumprir e melhorar na virtude.

Duas modalidades se bifurcam então: buscam-se manifestações de *espanto* generalizado, que ampliam a distância qualitativa entre o terreno e o divino, sem, no entanto, quebrarem pontes, e, complementarmente, apela-se a uma *imaginação*

³² Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, tomo XXI, [252].

adjuvante para que, no íntimo de quem ouve, se entrelacem os viveres e os contactos entre as duas realidades.

Ou seja, face a um universo simultaneamente próximo e longínquo (próximo porque dele lhe chegam mensagens de semelhança, longínquo porque se impõe como aparentemente inigualável), não será em vão que o ser humano, umas vezes, liberta o seu próprio assombro, outras, recorrendo à sua capacidade de visualização interior, se deixa contaminar por imagens emblemáticas que encantam, estimulam convivências e solicitam adesões.

No entanto, nem só o fascínio do Bem contamina os comportamentos, nem as reacções emotivas bastam para condicionar mudanças no proceder do dia-a-dia. É, por isso, necessário recorrer com frequência a um *chamamento pragmático*, ou seja é necessário falar do *galardão* dos justos e dos *castigos* dos injustos; é necessário elencar apoios e desfazer *armadilhas*.

O processo é, aliás, muito comum na época (em todas as épocas?), e Frei Luis, ainda que o não utilize preferencialmente, não desconhece a sua força. Falar de recompensas e de punições pode não ser o que mais agrada a um espiritual da sua linha, mas a intenção nem por isso deixa de ser operativa.

Todos devem saber o que os espera, os que praticam a vida virtuosa e os que lhe voltaram costas, pela sua mente deve passar, neste mundo, o que os espera no outro; em termos de características do local, das companhias, da geral envolvência; seguros podem estar de que ajudas não faltarão aos que cumprem, atentos devem estar aos disfarces e enviezamentos dos falsos acenos.

Exemplificando (e repetindo)

Deus é *amor e amou* os homens até ao fim; impossível resistir ao agradecimento a quem por nós se entregou a um mundo imperfeito e, para nossa reabilitação, multiplicou comportamentos exemplares, sofreu e derramou o seu sangue:

Acerca deste altíssimo mistério da encarnação do Verbo, considera primeiramente aquela imensa caridade e amor, que Deos teve pera com os homens, pois sem haver de sua parte alguma necessidade, nem da parte deles, algum merecimento, somente polas entranhas de sua infinita caridade, enviou seu unigénito filho pera seu remédio, isto é, pera os enobrecer com seu nascimento, santificá-los com sua justiça, enriquecê-los com sua graça, ensiná-los com sua doutrina, esforçá-los com seu exemplo, ressuscitá-los com sua morte e remi-los do cativoiro com seu sangue precioso.³³

³³ Fray Luis de GRANADA *Obras Completas*, XXI, 316.

Todo o mistério da Encarnação é, aliás, passível de análise em termos de *conveniência*, desde a decisão inicial da Imaculada Conceição pela qual os espirituais se não cansavam de terçar armas:

Pois tornando agora a nosso propósito, tal convinha que fosse e de tal maneira convinha que nascesse aquela, que *ab eterno* era escolhida pera ser mãe de Deos, porque costume é de Deos (como está já dito) proporcionar os meios com os fins, que é fazer taes os meios, quaes competem pera a excelência do fim pera que os instituiu.³⁴

Perante a transcendência do projecto divino, perante a sabedoria nos trilhos percorridos, sempre o ser humano se quedará assombrado e, sem explicações plausíveis, nunca resistirá a expandir a sua agradecida perplexidade:

Verdadeiramente tu es Deos que fazes maravilhas. Já nam me espanto da figura do mundo, nam da firmeza da terra (estando cercada de um ceo tam movidisso), nam da socessam dos dias, nam das mudanças dos tempos (...), de nada disto me espanto, senam espanto-me de ver a Deos no ventre de uma donzela, espanto-me de ver ao todo poderoso no berço, espanto-me de ver como à palavra de Deos se pode apegar carne, como sendo Deos substancia spiritual, recebeo vestidura corporal. Espanto-me de tantas despesas, de tam largo processo e de tam grandes espaços como se gastarão nesta obra.³⁵

Com o socorro da *capacidade imaginativa*, o *pasmo* ganha contornos concretos e abre um espaço de comovente acercamento ao que a linguagem humana só pode tentar traduzir em termos de perguntas encomiasticamente desgarradas de precisas respostas:

Pois segundo isto, que vos parece que faria aquela corte celestial a este grande capitam que triunfou do mundo, do demónio, do pecado, da morte, do inferno e que tanto número d'almas livres do cativoiro trazia consigo? Que festa se faria aquele dia? Que cantos? Que músicas? Que louvores? Que recebimento? Quantos Anjos? Quantos cortesões? (...) Ó Senhor, que mudança é esta tam grande? Quem vos vio e quem vos vê? (...) Quem vos vio no monte Calvário e vos vê hoje no monte Olivete? Ali tam só, aqui tam

³⁴ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 446.

³⁵ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 460.

acompanhado. Ali sobido em um madeiro, aqui levantado sobre as nuvens do ceo? Ali crucificado entre dous ladrões, aqui acompanhado de coros de anjos. Ali encravado e condenado, aqui livre e livrador de condenados?³⁶

E só falta a *pragmática* do interesse: os bons serão recompensados, os maus serão castigados; a todos Deus ajuda, a todos intenta livrar das falsas escolhas, dissipando erros de perspectiva e impondo a clareza dos preceitos, mas, nem por isso, ou, talvez, apesar disso, o seu juízo deixará de ser definitivo.

Passos há em que Granada não pode ser mais convincentemente *realista*:

Uma das cousas que mais soe mover os homens a todo género de trabalhos, é a esperança de galardam. Porque como seja tam grande a força do amor próprio, cada vez que se lhe põe algum bem diante, logo dá d'esperas ao coração, pera que se ponha a qualquer trabalho por ele. Por onde parece, que uma das cousas que mais parte é para inclinar nosso coração ao amor da virtude, é a grandeza do galardam, com o qual convida o Salvador no sancto evangelho d'hoje a seus discipulos, pondo-lhe o seu próprio galardam ao cabo de cada bemaventurança e acrecentando ao fim de todas estas palavras: Gozai-vos e alegrai-vos, porque vosso galardam é grande no reino dos ceos.³⁷

E, de facto, todo o sermão de *Todolos Santos* é uma espécie de iluminado elenco das consolações que esperam os eleitos, aquando da sua entrada no reino celestial, a partir de um núcleo de considerações sobre o «artifice desta obra, o tempo que gastou nela, o fim pera que a fez, a nobreza do fazedor, o preço que nos pede por ela, com outras cousas semelhantes».³⁸

Assim sendo, importa que se dissipe a ilusão dos bens percedoiros, confrontando-os com o bem universal da salvação onde convergem «todolos bens, toda a fermosura e totalas perfeições das cousas criadas»:³⁹

(...) os bens desta vida nam sam mais que bens particulares. (...) Uns trazem consigo honestidade, outros proveito, outros deleite, outros honra,

³⁶ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 352. Outro passo a merecer consideração, entre muitos idênticos, seria o que descreve a entrada de Maria no Céu (*Obras Completas*, 456.)

³⁷ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, [420].

³⁸ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 422. Pessoalmente, considero este um dos mais logrados sermões do conjunto, quer pelo acertado cruzamento de vias e figuras de persuasão, quer pelo próprio projecto temático, a cada passo e tão diversamente reforçado.

³⁹ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 428.

outros fermosura, outros saúde e outros perfeições particulares, cada um segundo é.⁴⁰

Inútil é, pois, privilegiar tais supostos *bens*, acarinhá-los e ficar seu refém, porque, em lugar de prémios, haverá castigos, em lugar da amenidade perdurável do paraíso, haverá a agitada permanência nos lugares infernais onde «aqueles infernaes atormentadores em meio de suas escuridades e trevas»⁴¹ não mais darão tréguas aos que lhes caírem nas mãos.

Mas destes, é forçoso reconhecê-lo, e corroborando o que atrás foi dito, quase se não ocupa Frei Luis porque os *Treze Sermões* apostam na esperança e nas benesses de uma outra vida.

Para as alcançar, diz-nos Granada, em resumo, basta ser eticamente responsável, afectivamente desbordante e pragmaticamente consciente.

De um amplo leque de figuras

Naturalmente que, como todos os pregadores do seu tempo e dos tempos afins, Frei Luis não menosprezava o impacto das chamadas e assaz divulgadas figuras de retórica: nos seus sermões em português, lá as encontramos, a cada passo, para que o poder da palavra se amplifique, mova, comova e deleite os que a ela acederem.

Não vale, por isso, a pena proceder a minuciosos elencos que se arriscariam a reproduzir outros que tantas vezes têm sido levados a cabo por estudiosos da parentética.

Mas, vale, sim, talvez, a pena não silenciar por completo algumas recusas e outras tantas escolhas que não serão fruto nem do acaso, nem de mera inclinação pessoal, no tratamento da linguagem.

Granada compõe os seus textos para serem ouvidos por toda a gente, não para as mentes esclarecidas da nobreza ou dos letrados da época. Quase excluídas ficam, assim, de antemão, figuras como o silogismo argumentativo, a metáfora engenhosa ou a alegoria esmerada, que poderiam deliciar os apreciadores da cultura literária, mas sempre deixariam indiferentes ou até enfadados os menos entendidos em subtilezas estilísticas.

Complementarmente, e não é de mais repetir, o escritor quer persuadir os corações, não quer convencer as inteligências, quer dinamizar atitudes, não quer debater com incrédulos.

⁴⁰ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 428.

⁴¹ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 332.

Daí que lhe sejam fundamentais, no campo das figuras da elocução, aquelas que poderemos conotar com a *exuberância*, entre as quais a repetição (com ou sem interrogações ou exclamações) e a acumulação (esta muitas vezes *enfatizando* diálogos e apóstrofes), e, entre as figuras de sentenças, o símile.

Dir-se-á que todos os pregadores a estas recorrem, e com razão; simplesmente, nestes textos, a ausência de outras e o seu insistente aproveitamento em sequências encadeadas, aconselham a que a elas se faça especial menção, embora sem alardear uma originalidade que seria pretensioso invocar.

Passemos, então, a alguns excertos (comentados) que documentam modelos seguidos em muitos outros, apesar de, no percurso alternado pelas sendas da persuasão, já algumas estratégias figurativas nos terem saído ao encontro.

A repetição abre-se em distintas possibilidades (de um lexema ou dos seus derivados, em posição de proximidade ou de afastamento, como anáfora ou epífora, etc.).

Quer-me parecer que, nestes *Sermões*, o esquema dominante é o da repetição espaçada e, *normalmente*, sem o recurso a lugares fixos na frase.

Talvez assim:

Tem também outro efecto este sacramento, que é deleitar com uma maravilhosa doçura o paladar de nossa alma. Porque nam se contentou, aquele alto Senhor, que este sacramento fosse como purga que desse saúde, ainda que amargasse, senam como manjar suavíssimo e pam de anjos, que de tal maneira sarasse e sustentasse nossas almas, que também as deleitasse e animasse. Isto convinha assi pera grandeza de sua caridade e pera necessidade de nosso remédio. Porque às entranhas de sua bondade e paternal amor convinha que nos mostrasse a doçura de sua caridade, na doçura deste sacramento, assi como diz o Sábio que amostrou aqueles a que mandou *manna do ceo*, que assi como era manjar de grandíssima suavidade assi declarava o amor e suavidade do que o mandava. E convinha também isto pera nosso remédio pera que esta doçura nos acendesse no amor de tal Senhor (...).⁴²

E assim, para que os ouvintes facilmente absorvessem os conteúdos, que se querem veiculados (a *doçura*, a *suavidade*, o *deleite* daquele *manjar* que tanto lhes convinha), sem demasiado se prenderem à cadência elaborada de esquemas construtivos que, outras vezes, tão eficazes se revelam, como não deixaremos de verificar.

⁴² Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 388 e 390.

Por sua vez, a acumulação não requer necessariamente a estrutura frásica empolada; pode organizar-se simplesmente a partir da justaposição de curtas unidades textuais, conjugando repetições e parelismos, o literal e o figurado, pontos de contacto e especificidades.

A dar-nos razão está o trecho adiante registado, a título de concretização de um paradigma:

O jejum mortifica a carne, a oração alevanta o espírito, o jejum santifica o corpo, a oração purifica a alma, o jejum mortifica as paixões, a oração enche o coração de bons desejos, o jejum tempera a viola, a oração faz a música, o jejum merece as consolações, a oração as recebe, o jejum alimpa a alma dos vícios, a oração a orna com as virtudes, com o jejum peleja o homem com o demónio, com a oração triunfa de Deos.⁴³

Desta vez, sim, a harmonia das singelas partes colabora na eficácia do todo, pelo que a lição resulta quase *musicada*.

Enfatizar a acumulação, melhor a alinhando para o fomento das convicções activas, é tarefa facilitada pelo recurso à apóstrofe ou ao diálogo, mas, neste caso, em termos do amigo que fala com o amigo, escolhendo um ou vários interlocutores, como no passo que vem a seguir, onde se equacionam questões a Simeão e ao próprio Deus, a propósito do prematuro sofrimento de Nossa Senhora:

Que fazes, sancto varam? Pera que queres dar perpétua matéria de dor a esta Virgem? (...) Oh, quantas lagrimas, oh, quantos gemidos poderas remir com o silêncio dessa palavra? Pois que conselho foi o teu, em querer dizer o que tanto importava calar? Nam foi certo conselho teu, senam do Spirito Sancto (...) Pois porque senhor quiseste magoar assi o coração desta Virgem? Porque quiseste que vivesse sempre com tormento a que nunqua fez pecado?⁴⁴

⁴³ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 312. Repare-se, em 364-366, na simplicidade das comparações que parcialmente configuram o desenho exuberante das afirmações; em 368, é, em boa medida a estrutura anafórica que contribui para idêntica finalidade (*Pentecostes*). Tenha-se, desde já, em conta que, como seria de esperar, Granada diversifica os contornos destas figuras de *exuberância* e que o mesmo fará com as que a seguir abordaremos.

⁴⁴ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 310. Em 280, a *ênfase* é posta nas recomendações directas ao leitor (*Adoração*); em 414, anjos, santos e homens interrogam-se sobre a Imaculada Conceição (*Concepção*).

De comum entre as duas transcrições, o poder convincente do ritmo e da organização do micro-discurso, nervosamente interrogativa a segunda, serenamente assertiva, na conjugação de reincidências e matizes diferenciais, a primeira.

Quanto às figuras de sentenças, repararemos nas de *aproximação*, sempre transparentes e recolhidas de saberes tradicionais; mais do que esclarecer ou tornar verosímil o que já de si o era, muitas vezes através do símile alongado, põem em contacto realidades que se confirmam, não raro, mas também não necessariamente, em crescendo de capacidade impressiva.

Frequentemente prolongam-se por diversos parágrafos, não sendo de somenos o aproveitamento da composição condicional, de perfil interrogativo.

Um exemplo:

E se tam grande alegria foi pera estes [os Reis Magos], quando acabado o curso de sua peregrinação, te acharão Senhor meu naquela estrebaria com tanto desamparo e pobreza, qual será a alegria do justo, quando acabado o curso da peregrinação desta tam larga e tam perigosa mortalidade, te vir, nam neste mundo, senam em teu reino? (...)

E se tam grande foi alegria dos Reis, quanto maior seria a da sacratissima Virgem, vendo as lágrimas, os presentes, a devaçam e a fé daqueles sanctos varões? (...)

E se tanta seria a alegria da mãe, quanto maior seria a daquele amator dos homens? A daquele que abaixou do ceo à terra por eles?⁴⁵

Reis Magos, Virgem e Jesus irmanados na alegria, embora com a sugestão implícita de ser mais para atender à de Deus feito homem. A *aproximação* congrega personagens de semelhante e diferente estatuto (as do ontem bíblico e as do hoje dos homens de boa vontade), as suas parcelas não são intrinsecamente muito diferentes, pouco com ela aproveita a razão humana, mas sensível pode ser o crescimento de sentimentos e emoções.

Sumariemos, então: repetições e acumulações dão voz à exuberância (à *admiratio*, se preferirmos), o símile coadjuva no estreitamento dos elos que importa aclarar e fortalecer.

⁴⁵ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XXI, 282. Em 444 (*Concepçam*), por exemplo, encontramos outra feição do símile: menos longo, vai adiantando coincidências que logo se mostram efémeras.

E rematemos: a nossa travessia pelos enternecedores *Treze Sermões* de Luis de Granada, foi, talvez, demasiado rápida; ficaram lacunas, incertezas, interrogações. Como convite para um regresso a estes textos portugueses ainda tão pouco estudados? Porque não?

Vamos mesmo admitir que sim, recapitulando as palavras do pregador na encarecedora explicação do que é (ou deveria ser) a substância dinamizadora de qualquer homilia:

O sermam é uma contínua liçam do que devemos fazer, com reduzirmos à memória a obrigação que temos a nosso Senhor e nos declara o dano que se nos segue de nosso pecado, é um avisar-nos do mal e animar-nos pera o bem. E de todo isto temos muita necessidade, porque é mui grande nossa fraqueza e nosso esquecimento mui ordinário e o demónio, o mundo e a carne, sempre trazem guerra connosco, pera nos cegar e fazer que nos apartemos do verdadeiro caminho. Remédio tam grande como o é da divina palavra, cousa tam encomendada da boca de nosso Redentor e por todolos seus discípulos, deve de ser cobiçada com grande vontade, buscada com diligência e ouvida com muita atençam.⁴⁶

Maria Idalina Resina Rodrigues

Abstract:

This paper analyses the Spanish editions and translations of two works by Friar Luís de Granada, written perhaps in Portuguese (Compendio de doctrina Christãa and Treze sermões), and published in a single volume in 1559, as well as his homilies. We explore the general thematic lines, how the texts are organized and, especially, the strategies of argumentation and persuasion, particularly prevalent in the latter texts. We then seek to specify the ethical, affective and pragmatic aspects and the rhetorical figures used to consolidate them. To conclude, reference is made to Friar Luís's opinion on the importance of the sermon within mass liturgy.

⁴⁶ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, tomo XXI, [247v].

